

GAZETA DO PVO

EXPLORE

Notícias

Saber

Últimas

Editoriais

Vozes

Política

Ideias

Economia

(

Publicidade

[Ierno G > Colunistas > José Castello](#)

Castello



algemas do pensamento

segcastello@gmail.com 23/03/2013 às 21:04



Dê de presente



Veja também

[A fábula dos gêneros](#)[A origem da desgraça](#)[O desejo do desejo](#)

Ideias fixas são terríveis grilhões. Não passam de algemas invisíveis, aparentemente inofensivas, mas que podem deter e congelar uma vida. É o que experimenta o compositor Felipe Werle, protagonista de As Pequenas Mortes

GAZETA DO PVO

registrado na história brasileira.

Em 1987, Felipe Werle tinha 12 anos. Nunca mais se livrou da ideia de que está prestes a morrer. Tem sua vida arrastada por uma obsessão: a de que não lhe faltam muitos dias. Sabe que não consegue se livrar de seu grilhão, que "fez de mim um paranóico". A doença imaginária se duplicou em uma doença adeira. Às vezes, porém, alimenta a ilusão de que a paranoia o protege da morte. Se está delirando, não está doente, consola-se. E afunda ainda mais.

Publicidade

Felipe não consegue separar a mente do corpo. Compara-se a Daniel Paul Schreber, o célebre paciente de Sigmund Freud, mais famoso paranoico da História. O paralelo, contudo, não o salva, nem o alivia. Como Benedito Schreber, o pai de Paul, ele acredita que os males da alma provêm de distúrbios no corpo físico, e por isso ele teria o espírito para sempre condenado. O pai de

GAZETA DO PVO

educação corporal...

O infeliz Felipe, porém, já não sabe em que acredita, sabe apenas que sofre. O romance de Wesley Peres é o relato ✕ minucioso, precioso, paranoico ✕ de seu sofrimento. Felipe sente-se sempre obrigado a se submeter a exames médicos que investiguem seu "câncer", mas tem horror às máquinas que, para examiná-lo, invadem seu corpo. Os próprios exames, assim, se tornam parte de sua lça. A paranoia devora tudo a seu redor: nada escapa. A própria escrita de ele "sofre" da doença que a move. Os limites se rompem. Já não sabe, sequer, se é sofrer, embora sofra todo o tempo.

alma "é um efeito do corpo", como imagina, só resta a Felipe, o sofredor, brar a atenção sobre o corpo. É um compositor de sucesso, que recebe tios importantes ✕ mas a música é apenas um intervalo que, em vez de marcar, sublinha e contorna sua dor. Acredita Felipe que o câncer "é o modo ortodoxo de o corpo morrer-se". Seria a morte natural ✕ todas as outras não passariam de variações, ou mascaramentos do cancro. Sua narrativa é o relato do que define como "um apocalipse pessoal". Toda morte é pessoal, toda morte é vivida na mais absoluta solidão. Escrever sobre ela é uma tentativa, de antemão fracassada, de dividir o indivisível.

Felipe frequenta um psicanalista para tratar daquelas que considera suas três doenças mais graves: o gosto pelos excessos, pela tinta negra da melancolia e pelo "pesadelo azul" de pensar obsessivamente na morte. Conta com o apoio da namorada Ana, que luta, sem sucesso, para conter seus "pensamentos cancerígenos". Felipe vê a paixão, igualmente, não como uma escolha, mas

GAZETA DO PVO

os lados, inclusive pelo arroz.

Publicidade

Felipe ✕ seguindo ao pé da letra o Bhagavad Gita dos hindus ✕ o corpo
ano estaria marcado pela chaga de nove buracos. "A sabedoria?", ele se
unta. E para responder cita o filósofo romeno Émile Cioran: "A sabedoria
seria sofrer dignamente a humilhação que nos infligem nossos nove buracos". A
forte escrita de Wesley Peres é transpassada por detalhes bruscos e mórbidos a
respeito da realidade física. Sua linguagem oscila entre a elegante meditação
filosófica e a descrição quase obscena da realidade física. Não é um romance
fácil de ler, não só porque nos choca, mas porque deixa marcas profundas na
falsa placidez de nosso espírito.

A morte é azul porque esta é a cor provocada na visão humana pela radiação. O
azul perde, assim, todos os seus atributos românticos, perde a suavidade e se
torna uma cor pesada e fatal. Tudo na vida de Felipe se contamina por esse azul
que é dor e doença. Mesmo o amor: "Amar é dar aos outros o próprio inferno",

GAZETA DO PVO

tinha olhos cifrados e que produziam cifras dentro de cifras, um ciframento infinito, até atingir um ponto maciço de ciframento que equivaleria ao terror". Um Deus que é puro terror: pode haver condenação mais definitiva?

A incansável Ana tenta arrastar Felipe de volta para o presente, livrando-o das projeções que contaminam seu futuro, mas nada consegue. "O bom mesmo é ter esperança", ela insiste, sabendo que para o amado a esperança não passa de uma espécie de viver da morte. Já Felipe, se continua a escrever, não é na esperança de preencher seu vazio, mas de produzir o que chama de um "vazio mediador". Ele define como "um vazio que frequente os vazios do leitor". Arrasta assim a nós leitores, seus leitores, para o interior de sua doença. Não busca testemunhas, mas aliados que afundem ao seu lado.

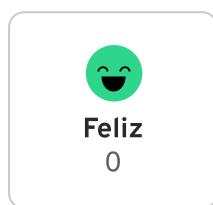
... a Felipe, a "pequena morte" não é o que entendemos normalmente o gozo sexual, mas cada pequeno movimento silencioso que antecipa a falência de cada órgão do corpo humano. Ela transcorre em zonas inacessíveis ao pensamento e à razão. O corpo não pensa, o corpo é. Agarra-se à literatura na esperança de que ela possa penetrar essas regiões inacessíveis à mente. A literatura como uma ponte de acesso a algo de que a razão não dá conta. A literatura como cura do corpo: eis a esperança última do personagem de Wesley Peres.

Publicidade

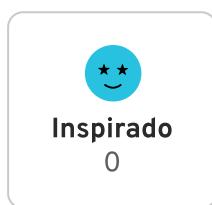
GAZETA DO PVO

Deixe sua opinião

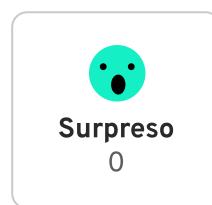
Como você se sentiu com os fatos noticiados?



Feliz
0



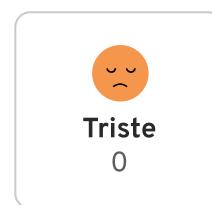
Inspirado
0



Surpreso
0



Preocupado
0



Triste
0



Indignado
0



Comunique erros ▾

Publicidade

GAZETA DO PVO

